

A beleza de um cavalo: anabolizantes de uso veterinário, comportamento e geração por atletas de fisiculturismo¹

Gabriel Salgado Ribeiro de Sá (Mestrando PPGCSO/UFJF/MG)

Palavras-Chave: Antropologia dos Medicamentos; Risco; Comportamento.

Introdução.

O termo *image and performance enhancing drugs* (IPEDs) é usado para se referir à substâncias que aumentam o crescimento muscular e reduzem gordura corporal, tais como esteróides anabólicos androgênicos (EAAs), hormônio do crescimento, insulina, agonistas Beta 2 (por exemplo, clenbuterol), dentre muitas outras, cuja popularidade cresceu substancialmente ao longo das últimas décadas (Underwood, 2017; Sagoe ET AL, 2014). Tem-se por objetivo discutir consequências sociais deste consumo, levando em consideração que, diante das limitações éticas da biomedicina, determinados estudos em longo prazo, com doses supra fisiológicas de andrógenos em humanos, não são possíveis (Hartgens e Kuipers, 2004). Por causa desse fator, muitos efeitos e consequências permanecem desconhecidos, especialmente substâncias utilizadas para fins veterinários², tais como o Acetato de Trembolona e Undecilenato de Boldenona. Para aqueles que, mesmo assim, optam pela utilização, são construídas sócio biologicamente concepções e modos de conduta. Nesse sentido é importante ressaltar que não é possível mensurar determinadas constatações empíricas frente à experimentação, particularmente se tratando de indivíduos que consomem paralelamente outros EAAs e muitas outras substâncias³.

Existem duas principais correntes ao se analisar o consumo de IPEDs. A primeira compreende o uso enquadrando o usuário em um contexto de uso ilícito de drogas, utilizando “discursos familiares” de jovens cujas vidas são ameaçadas pelo consumo, sujeitos à criminalidade e dependência. Assim, aquele que utiliza aparece como um

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² PubChem Database. Boldenone, CID=13308, <https://pubchem.ncbi.nlm.nih.gov/compound/Boldenone>. e PubChem Database. Trenbolone, CID=25015, <https://pubchem.ncbi.nlm.nih.gov/compound/Trenbolone>. Acesso em 17/10/2020.

³ Incluem-se nesse contexto fitoterápicos, suplementos vitamínicos, medicamentos para controle de colaterais e outros que indiretamente podem maximizar os ganhos musculares dos EAAs. Um dos informantes dessa pesquisa consome cerca de 20 substâncias diariamente para a construção do seu físico.

sujeito antissocial, perigoso e excessivamente masculino. Já a segunda, localiza o uso dessas substâncias dentro de um quadro de desordem da imagem corporal e psicopatologia cultural, constituindo nos homens algo análogo aos transtornos alimentares nas mulheres, produzindo, como resultado, um homem danificado e feminizado, um exemplo vívido da masculinidade contemporânea em crise (Keane, 2005). Diante das problemáticas de tais formulações, especialmente por produzir juízos morais⁴ frente aos atores, compactua-se com a proposta alternativa de Whyte ET AL (2000), no qual drogas apresentam “vidas sociais” assumindo significado através da experiência social comum, tendo possíveis implicações para tais relações. Assim, adicionalmente, tem-se como fundo analítico a referência de se pensar o corpo a partir de uma estrutura conceitual de uma “ecologia corporificada”, se aproximando, portanto, de uma antropologia culturalista contemporânea sintetizada por Ford (2019a):

1. Fluidity between bodies and worlds involves both what surrounds bodies and what composes (or resides within) them; 2. Thinking with ecologies encompasses both bodies and environments, emphasizing relations instead of entities. Humans are not coherent objects set against the background of their environment, but are relationally implicated with it (and each other); 3. When relations are prioritized, distinctions between material substance and immaterial experience become blurry. Embodied ecologies are decidedly non Cartesian.⁵

Tais conceitos possibilitam à antropologia se adequar a um novo contexto, onde a materialidade dos corpos humanos nas menores escalas - genes, micróbios, substâncias químicas, hormônios - está sendo cada vez mais entendida como responsiva a contextos ambientais mais amplos e como um local onde os ambientes se manifestam. De tal modo que, por exemplo, já não é defensável supor que a doença, a saúde e o bem-estar podem ser plenamente compreendidos como a condição de indivíduos facilmente isoláveis e limitados pelo corpo (Ford, 2019; Lock, 2019c). Nossa atenção recai sobre o movimento epigenético, no qual as distinções entre *Nature* e *Nurture*, não são mais entendidos como elementos dicotômicos, entendendo o corpo a partir de coalhado inseparável das forças ambientais (macro e micro) desde o momento da concepção, estendendo-se ao longo da

⁴ Como certamente pontua Moraes (ET AL, 2018), não é incomum que até mesmo etnografias ou observações participantes sirvam de base para o uso de um apriorismo moralizante que propõe tachar este tipo de prática como um comportamento não saudável e, portanto, passível de vigilância e regulação/tratamento.

⁵ Ensaio disponível no site: <https://culanth.org/fieldsights/introduction-embodied-ecologies>. Acesso em 15/09/2020.

vida, sendo modulado incessantemente; também é considerado o centro da biomedicina moderna, devido ao estudo da hereditariedade não relacionada à sequência de DNA que pode ajudar a explicar a relação entre o histórico genético, o ambiente, o envelhecimento e as doenças de um indivíduo (Lock, 2015b; Leite e Costa, 2017). Dentro dessa lógica, fatores extragenéticos que podem ter sido previamente considerados sociais ou ambientais e, portanto, insignificantes para processos genéticos ou geneticamente não influentes como: dieta, estilo de vida, classe, exposições tóxicas, medicamentos e outras variáveis, são hoje considerados importantes para a expressão do DNA (Lamoreaux, 2016). Assim, as implicações do conhecimento epigenético são importantestanto para a biomedicina quanto para a antropologia, possibilitando uma nova reunificação entre *Nature* e *Nurture*, o que não quer dizer que tal concepção também apresenta problemas⁶. Apesar da produtividade deste debate, somente tem-se como objetivo discorrer aqui como o conhecimento epigenético está se tornando “um fenômeno social em si” nos moldes em que Landecker e Panofsky (2013) propuseram: mudando a percepção de risco frente determinadas escolhas, modificando modos de conduta e induzindo sujeitos a pensarem em consequências de modo que excedem uma só vida.

Hormônios ou substâncias semelhantes a hormônios são fascinantes atores “material-semióticos”, biotecnologias cruciais no processo de remodelação de nossos corpos, impondo novas relações sociais no mundo todo. Produtos químicos desreguladores do sistema endócrino, por exemplo, aparecem não apenas em corpos humanos e não humanos, mas também na água, no ar e em nossos produtos de consumo (Haraway 1997a; Haraway, 2009b; Bärnreutherm, 2018). Em duas etnografias ambientalistas, Murphy (2017a e 2008b) cita como os produtos químicos produzidos industrialmente tais como PCBs⁷ tornaram-se parte do ser humano vivo, enquanto carnes alteradas hormonalmente e culturas dependentes de pesticidas tornam-se o sustento material da humanidade; e como neste sentido estamos experimentando novas formas de “corporificação” química que nos ligam molecularmente a economias locais e transnacionais. O poder desses produtos, entretanto, significa transgredir limites orgânicos com facilidade e modificar em maior ou menor grau, biológicas, distorcendo os limites conceituais, como dentro/fora; natureza/cultura ou sexo/gênero (Bärnreutherm,

⁶ Ver especialmente as críticas de Lock (2013) e Silva e Duarte (2016) para como o ambiente está sendo medido por parâmetros “reducionistas” por pesquisadores na área de epigenética.

⁷ Abreviação do composto químico Bifenilpoliclorado, poluente ambiental.

2018, idem). Ao se produzir conhecimentos científicos e como tais influenciam no ambiente, devemos também levar em consideração como essa informação chega à populações e culturas específicas. Assim, temos como base uma investigação que privilegia o papel dos medicamentos como participantes ativos na construção específica de comportamentos e papéis sociais (tal como uma perspectiva construtivista de gênero se propõe a pensar). Optamos metodologicamente por uma etnografia *person-centered*⁸ a qual busca explorar as trajetórias farmacológicas de dois atletas consumidores em longo prazo de IPEDs. O primeiro atleta, Omega, iniciou o uso aos 15 anos de idade (hoje tem 25 anos), utilizando as substâncias de modo esporádico, ciclicamente; O segundo, Alfa, aos 19 (hoje com 26 anos), segue o mesmo caminho. Apropriam-se de uma “tendência farmacológica”, denominada pelos próprios e pela literatura biomédica de *blast and cruise*, na qual os usuários nunca param com as substâncias, somente alternam entre períodos de alta dose (*blast*) e baixa dose (*cruise*) (Sagoe ET AL, 2015). Apesar da ênfase nessas duas trajetórias, também foram inseridos relatos de outros atletas distintos para o enriquecimento de determinadas nuances. Ademais, os entrevistados foram selecionados seguindo o método “bola de neve”⁹, por meio do intermédio de um atleta-amigo de longa data (Alfa). Através deste, foi estabelecida a confiança necessária para o compartilhamento de informações de uma cultura de difícil acesso. Em um primeiro momento são articuladas as maneiras pelas quais as substâncias estão sendo categorizadas; num segundo demonstra-se como elas produzem sociabilidades já que na experimentação farmacológico-coletiva não se constrói somente o corpo como também tipos de imaginários específicos em torno de masculinidades. Priorizaremos a percepção de como as drogas são imbuídas de significado por um grupo exclusivo e como o ato de “tomar uma droga”, por conseguinte, é tornar-se um tipo específico de pessoa. Por fim, discute-se brevemente como o conhecimento científico está mudando a percepção de risco frente à utilização, de tal forma que consequências do consumo passam a ser vistas pelos atores de modo inter-geracional, isto é, como um legado capaz de ser transmitido para as próximas gerações.

⁸ Termo inicialmente usado para se referir a uma tentativa antropológica de desenvolver maneiras próximas à experiência de descrever e analisar o comportamento humano, a experiência subjetiva e o processo psicológico, Ver Hollan (1997).

⁹ Se refere a forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados (Vinuto, 2014).

1.0 Tornando-se o cavalo: Masculinidades Tóxicas¹⁰

Laveaga (2005) afirma que o conceito de “hormônio” é, em termos históricos, recente. Cunhado em 1905, demorou-se quase três décadas até que pudesse ser produzida em massa, uma transformação de “secreções” imaginárias como mercadorias que podiam ser compradas e manipuladas. Mas, lembra-nos Azize (2005) que os usos dos medicamentos são sensíveis, ao passar do tempo, a mudanças na visão de mundo e novas descobertas científicas; sendo passíveis de serem colocados em perspectiva pelos agentes que circulam por esta cultura. Tais medicamentos podem ganhar significado e sentido por grupos específicos, como é o caso dos praticantes de fisiculturismo. Efeitos neuropsiquiátricos e comportamentais como resultado do “abuso”¹¹ de EAAs são bem conhecidos e descritos na literatura biomédica, havendo evidências crescentes de que, para além dos efeitos psiquiátricos e comportamentais, o uso não médico de EAAs possui potencial neurodegenerativo (Pomara ET AL, 2015). Entretanto, as substâncias continuam sendo consumidas, apropriadas e categorizadas por grupos sociais específicos que as experimentam e produzem suas próprias narrativas frente a utilização. A dimensão de neurotoxicidade é um exímio exemplo: através da experimentação coletiva, fisiculturistas sugerem (e aqui com nenhuma ou pouca evidência da literatura biomédica) que existem graus superiores para anabolizantes com fins veterinários. Por conta desse fator, as substâncias Trembolona e Boldenona são consideradas as que geram modos de conduta extremos, com ênfase especial na possibilidade de se tornar um homem agressivo, capaz de cometer atos violentos, frente a outros EAAs. Nessa experiência de intoxicação a noção de risco está intimamente ligada a ser tornar um cavalo, abrindo mão de sua humanidade e se comportando como um animal. Delimitar o que é um modo de

¹⁰ Não queremos somente pensar numa indução “orgânica” para a manifestação de uma toxicidade masculina e sim reconhecer tanto os parâmetros culturais quanto biológicos para tal. Apontamos aqui a existência de uma grande correlação do uso de anabolizantes veterinários com a existência de um ideal masculino existente na nossa sociedade: violência, sexo, status e agressão. As consequências que são geralmente apontadas em diversos estudos de gênero e sexualidade é que tal masculinidade socialmente definida acarreta por consequência: ansiedade, depressão, momentos de “explosão” ou descontrole, etc. Em termos biomédicos, as consequências comportamentais do uso dessas substâncias é parecido. Sugerimos, então, uma intoxicação dupla, socialmente e biologicamente construídas.

¹¹ Necessariamente, o que é considerado “abusivo” pela literatura biomédica, percebida como “moralista” pelos meus interlocutores, é a utilização suprafisiológica de EAAs e/ou para fins não médicos. Entretanto, ressalta-se que, pela ótica dos interlocutores aqui expostos, o que se distingue de um uso abusivo está ligado à utilização de drogas consideradas mais agressivas, “arriscadas” e por maiores períodos de tempo, podendo ser passível de interpretação de usuário a usuário. Drogas veterinárias podem ser passíveis de “abusadas”.

conduta “abusivo” neste contexto, é extremamente subjetivo, ligado a tempo e dosagem. Vejamos o relato abaixo:

Mano, eu vi um cara maior “abuser”, treinador mesmo. Ele tava falando que não passa pros alunos trembo por mais de seis meses, ela causa medo nos próprios caras que mais abusam, entende? Ninguém usa trembo por muito tempo, no máximo dá uma pancadona [referindo-se ao momento de Blast], nessas partes de preparação, tipo 1g por semana, durante 3-4 meses. Relato por Omega.

Tal relato se aproxima parcialmente com as observações constatadas por Velho (1998) em seu estudo clássico sobre tóxicos na classe média copacabanense. Há uma percepção socialmente construída de que certos tipos de drogas devem ser vistos com cautela, respeitando certos limiares temporais e dosagens, a fim de diminuir riscos e danos (no caso do uso de anabolizante, especialmente, drogas com fins veterinários). Apesar de haver similaridades nas categorizações dos EAAs citados no *modus operandi* de uma masculinidade desviante, as drogas promovem modos de condutas distintos. Seguem sugestões que corroboram essa lógica:

Agora tenho certeza no psicológico da pessoa, pelo menos a trem e a bold eu vejo todo atleta depressivo no jeito de falar sabe? De querer provar que é um vencedor, sabe essas coisas de achar que é mais que as pessoas por fazer dieta e puxar ferro? Eu acho uma coisa tão normal, se faz o que você gosta, já até falei para você, para mim é maior prazer comer mais 1kg de frango por dia. Como diariamente o que 3-4 pessoas comem, uma família e pô, poder fazer isso se tem que agradecer sabe? Os atleta top tudo depressivo, eu acho que esses “bagueio” deve dar uma afetada sim, esse é o meu maior medo. No dia que eu começar a ver que eu comecei a ficar xarope desse jeito, de ficar reclamando de coisa nada vê, vou parar. Esse atleta Y que eu te comentei e conheço pessoalmente, se você ver os vídeos dele, só chora¹², só reclama, vai competir e fica em segundo lugar, começa a chorar que o adutor dele estava melhor que o do outro. Uns “bagueio” nada haver, uma choradeira, infantilidade, já foi [perdeu], não precisa. [...] Sobre a trem, ninguém fica com ela [por longos períodos de tempo], ninguém fica pela agressão que causa no perfil lipídico e no comportamento, eu acho que não usa. [...] é possível de ter alguns efeitos permanentes, o cara pode ficar meio “batata”, bobão entende? Também pode ter colateral de masculinização permanente do rosto e um envelhecimento absurdo. Mas isso é só daqueles que abusam por muitos anos mesmo [ênfase de voz] [...] Já sobre a bold geralmente se fala em ansiedade e depressão. Mas não aconteceu comigo, entende? Apesar de existir uma generalização [sobre os efeitos], cada corpo reage de um jeito à droga. (Relato por Omega)

¹² A conotação que aqui é dada não é somente no sentido de reclamar assiduamente, como também de “chorar” no sentido literal. O atleta Y em questão é considerado pelo informante como altamente sensível e isso é atribuído ao assíduo consumo de substâncias neurotóxicas, especialmente de Boldenona e Trembolona (além das muitas outras possíveis substâncias que permaneceram desconhecidas).

Conforme o atleta, a utilização de Trembolona e Boldenona pode acarretar mudanças em um nível permanente, deixando pessoas que “abusam” das substâncias depressivas, ansiosas ou até mesmo infantis, bobas. Isso também demonstra que a tentativa de construir um corpo específico é sempre acompanhada de tensões em torno da pessoa. As categorias de corpo físico e sujeito são inseparáveis nas falas dos interlocutores. Se intoxicar, portanto, é se tornar um tipo específico de pessoa e porconsequente, de homem. Aqui, de certo modo, é possível estabelecer um paralelo desta interpretação com a experiência subjetiva de pessoa em sociedades ameríndias, dado que este não parece como ser substantivo, dado e acabado, mas como um processo permanente de transformação e aberto para experimentar diferentes possibilidades de metamorfose (Maluf, 2002). Aqui sugerimos que por trás de cada fármaco, existe um contexto específico de se tornar um tipo de homem e assim queremos trabalhar masculinidades respeitando esta disposição. Ainda mais, ao nos apropriarmos da premissa de “vida social das drogas” podemos produzir perspectivas diferenciadas, permitindo visualizar como drogas possuem significados e como elas capacitam, transformam usuários; possibilitando também investigar a eficácia das drogas: as percepções dos poderes das substâncias não apenas em termos de fisicalidade, mas também em situações sociais (Whyte ET AL, 2002; Underwood, 2017). Então, é possível pensar em masculinidades criadas “pela” e “com” a droga, sem menosprezar processos mais amplos e nem reduzir também, no processo, a autonomia dos sujeitos. Mas por que escolhemos essa abordagem epistemológica? Acreditamos que exista um grande viés na análise sociocultural dessas substâncias. Corroboramos assim, com outras evidências etnográficas, tais como a de Underwood (2017), em que atletas reclamam que a maioria das pessoas apresenta uma visão distorcida dos riscos do estilo de vida do fisiculturismo, sobretudo por conta da mídia. Este sensacionalismo, muitas vezes é construído por outras substâncias veterinárias que não são EAAs, argumentam:

Quando se trata da grande mídia, eles não têm noção, eles colocam um médico que falam umas bobagens lá, lendo como se fosse uma bula sabe? Coloca lá no google: esteroides que afetam o psicológico. Aí já aparece lá trembolona, que que é trembolona? ele lê aquilo, esteróide causa isso, isso e isso, fala uma bula dali da trembolona, um lixo. E depois eles generalizam [ênfase de voz] pro resto [dos EAAS] [...] Na verdade, eu só vi três casos de surto psicótico na grande mídia. Um é recente, foi aquele dono da Y suplementos em Santa Catarina. Esse daí eu nem sei de nada, mas os outros dois que eu vi, nem era anabolizante, os dois eram dependentes de potenay (tipo de estimulante). E na verdade colocavam como anabolizante, no caso não foi nem a trembolona . Um era jiu-jiteiro, ele foi competir e pegou um desses cara de hotel, camareiro,

pediu um bagulho, o cara demorou, na hora que ele foi no quarto, ele matou o cara. Isso tem um tempo já, surto psicótico se nem vê tanto na mídia[...] Outro caso que apareceu, aquele G em 2014, tava competindo pro Mr Universo, morreu por trembolona, mas ele já tinha problema de pulmão, ele tinha que parar o uso e não parou. Ele faleceu, o treinador Q dele, foi até embora pros EUA. Ficou malzão para ele. (Relato por Omega.)

A partir do relato do fisiculturista poderíamos enquadrar tal “generalização” da mídia em uma visão comumente expressa e amplamente aceita, concordante com uma definição essencialista de masculinidade, nos quais mudanças prejudiciais induzidas por EAAs incluem exibições hiper masculinas de agressão e violência (Connell, 1995; Monaghan, 2001a). A sabedoria “convencional” muitas vezes sustenta que a testosterona - e derivados sintéticos deste hormônio "masculino", como os EAAs - *determina* fisiologicamente estados de humor e comportamento (Monaghan, Idem). Não menos grave, muitos estudos acabam por corroborar tal prerrogativa através de um “viés de seleção”¹³ concluindo uma possível associação entre “agressividade-violência- crime-hormônio-masculino”, a partir de amostragens construídas com pessoas conscritas, presidiários, muitas vezes com passagem por hospitais psiquiátricos (Moraes ET AL, 2018, ver especialmente págs. 258 e 259). Assim, nas últimas décadas, diversos especialistas ou comentaristas sobre o fisiculturismo e o uso de drogas apresentaram narrativas questionáveis a respeito de uma "crise de masculinidade" e de um suposto "distúrbio da imagem corporal", denominado "dismorfia muscular" ou de um "complexo de Adonis" (Klein 1993, Monaghan e Atkinson, 2014), corroborando com um estigma, descrevendo fisiculturistas e usuários de IPEDs com teorias que posicionam os mesmos como "indivíduos perigosos" ou "vítimas culturais" (Monaghan 2009b, Monaghan e Atkinson, 2014). De tal modo, queremos abandonar esse viés epistemológico ao expor a correlação de consumo de IPEDs veterinários e fisiculturismo, respeitando prioritariamente as construções sociais dos autores frente às substâncias. Percebemos, então, a masculinidade intoxicada como uma plausibilidade de uma mescla entre

¹³ Críticas contundentes foram feitas a um dos estudos mais citados ao problematizar a associação de EAAs à violência; trata-se do artigo de Pope e Katz (1990), no famoso *Journal of Clinical Psychiatry*, ligado à Associação Americana de Psicofarmacologia Clínica. Através de uma epistemologia “reducionista”, esse artigo poderia servir de exemplo de como os discursos biomédicos são passíveis de dar credibilidade às alegações populares de que os EAAs causarão explosões incontroláveis de raiva e, por implicação, violência, fenômeno socialmente complexo (Ver mais aprofundadamente as críticas tanto em Monaghan, 2001a quanto Moraes ET AL 2018.)

parâmetros biológicos e culturais “borrados” no condicionamento e formulação de padrões de conduta, sem determinismos.

Retomando o depoimento da página sete (7) é bastante peculiar a comparabilidade da substâncias em um imaginário social específico (ex: “quanto à Boldenona, geralmente se fala em ansiedade e depressão”). Esse imaginário surge conforme a evidência empírica-coletiva de utilização, não havendo um escrutínio nos termos biomédicos ao qual estamos acostumados; permanece, contudo, um problema social, afinal, o consumo perdura e neste existe uma exímia interpretação social dos atores envolvidos. No caso das substâncias veterinárias, a potencialidade que é socialmente reverberada é, em primeiro lugar, a de transformação corporal/comportamental, com similaridades e também diferenças. Transcrevemos as similaridades em prol do que seria se tornar um “cavalo” nas academias e em seguida atentarmos às especificidades, ao qual separaremos em subcapítulos.

Como é um cavalo nas academias? Em relação às similaridades das substâncias, presentes em um imaginário humano-veterinário, no corpo físico, os usuários buscam a experiência corporal de crescer muscularmente de maneira acentuada, com baixa retenção de líquidos, permitindo, por conseguinte um visual “polido”. Foi-me relatado que a pele, de certa forma, fica brilhosa, sendo muitas vezes possível perceber em um atleta experiente, as veias em formas de “teias de aranha” e, até mesmo ter a percepção de fibras musculares, inimagináveis a olho nu em um corpo não treinado e “anabolizado”. O rito de transformação não acontece do dia para a noite, a mágica corporal segue um período de tempo específico (aqui, remonta-se ao efeito de farmacocinética) que varia de usuário para usuário; de modo generalista poderíamos apontar em torno de duas a quatro semanas. O processo de intoxicação, por um lado, demonstra o crescimento corporal com a perda de gordura, digno de cumprimento nas academias, enquanto por outro, começa a afetar o comportamento daquele que utiliza. Em outras palavras, concomitantemente à mudança corporal, muda-se também a pessoa, que começa a ser em maior ou menor grau afetada pelo uso. Cada interlocutor apresenta suas próprias teorias em relação aos efeitos colaterais. Há aqueles que acreditam que os EAAs veterinários potencializam “predisposições biológicas”, ou seja, aqueles que já são estressados ficam mais, e a mesma lógica se aplica a depressivos, ansiosos ou “bobões”; enquanto outros acreditam veementemente numa mudança de personalidade “bruta” com o uso, a qual ela é, em maioria das vezes, temporária:

Tipo assim, te explicando, o hormônio vai tipo mudar sua personalidade, ele não somente vai colocar aquilo que você já era assim, sabe? Tipo você tinha uma predisposição a ser assim, e vai ficar maior, tipo vamos dar exemplo da bebida, a bebida é assim, ela deixa o que você já é de maneira mais intensa. Já esses hormônios eles vão criando uma nova personalidade mesmo, muda a pessoa, se vê isso em muito relato. Tipo eu com bold, mudei totalmente véi, eu não era assim e fiquei de outro jeito. (Relato por Omega)

Em suma, substâncias veterinárias mudam não somente o corpo, mas a pessoa. Dada essa problemática, existem múltiplas maneiras de ser um cavalo nas academias, daremos uma atenção às particularidades que cada substância é imbuída a seguir.

1.1 Trembolona: o cavalo explosivo?

Considerada pelos informantes como o mais poderoso EAA para a construção corporal, também é reconhecida por fortes efeitos colaterais, especialmente com relação ao aumento da agressividade. Inicialmente foi criada para utilização em bovinos, com o propósito de aumentar o peso. Um dos efeitos estéticos mais marcantes seria a de deixar o rosto do usuário com traços mais masculinos (Traços mais quadrados, com mandíbulas definidas e/ou esculpidas). Ela é a droga de maior destaque nas academias para descrever situações de descontrole psicológico. São comuns os relatos desta droga com o termo “estourar”, citado para descrever momentos de descontrole psicológico/emocional. Transmite-se a ideia de que essa droga pode promover situações críticas, no qual pessoas normais podem apresentar uma conduta de “agressividade de trembo”. Nesses momentos, a violência é associada ao descontrole emocional promovido pela substância:

Agora, agressividade trembo pode dar sim, mas depende do cara, aquele *men's physique* [categoria de competição] famoso Y[Nome do atleta] que esses dias aí bateu na namorada e ela foi na Polícia e falou que era por causa da trembolona. Se tu ver qualquer video do treinador Z, ele sempre é contra o uso de trembo em *men's physique*, ele sempre diz que trembo destrói relacionamento. Geralmente o que falam é que tu vira um cavalo, agressivo, manja? Eu particularmente não senti esse efeito, o colateral que trembo deu em mim foi bronquite.” (Relato por Alfa)

Olha tinha um bodybuilder que nunca malhou aqui, o W, mas ele é famoso, já fui na casa dele e tals, era totalmente quebrada, o cara era loucão, dava uns murros na porta. Ele também vendia anabolizantes para uma galera, eu mesmo já comprei. [...] Não sei se você ficou sabendo, mas ele já foi preso, deu uma quebradeira no hospital, saiu até no Tribuna de Minas bastante tempo atrás¹⁸. Definitivamente tava usando trembo e outras paradas. [...] Provavelmente pô,

e outros estimulantes, eu já sabia que ele bebia e fazia outras paradas junto com as bombas. Não dá para culpar a trembolona, na realidade eu não sei se ele tava usando, mas, um cara com o shape dele, eu não duvido não.” (Relato por Delta).

O relato mais estranho que eu já ouvi de trembo foi do treinador X que ele tinha um aluno nerd, que fazia faculdade federal, trabalhava, namorava. Um cara normal, nerd assim, de boa com a vida. Tudo engatilhado, manja? Igual nós assim, cara normal que não é esses caras zoado que vai para noitada. Daí ele começou blast e antes fazia só cruise ou era natural, não sei. Aí ele foi fazer o primeiro blast com trembo, moleque já era todo regrado com dieta, treino, os bagulhos da consultoria e aí ele sumiu, uns 15 dias sumido. Ele voltou, conversou com o treinador. O treinador perguntou o que aconteceu e ele falou que ele brigou com a namorada, foi para a balada, chapou na balada, coisa que ele nunca fez na vida e saiu com o carro na volta, e bateu o carro, e tava bêbado. Não sei se teve vítima, não quero falar besteira, só sei que ele ficou preso uns dias. Naquele momento o treinador se sentiu um bosta, por que ele passa o bagulho e aconteceu isso com o cara. O treinador pensou em parar e quase largou tudo, e só passar estilo de vida saudável [sem IPEDs] para os alunos. Aí todo mundo chegou nele e falou que ele não era culpado de nada, quem escolheu tomar trembolona foi ele, sacou? (Relato por Omega.)

Do ponto de vista antropológico, a utilização de drogas sempre segue uma trama contextual. Longe do comportamento agressivo ser fruto de um desequilíbrio essencialmente neuroendócrino, o potencial estrago varia em relação à situação e também ao momento. Por este ângulo, é recorrente em todos os depoimentos a relativização do uso: a droga nunca age sozinha e nunca é totalmente responsável. Por isso foi-me argumentado posteriormente que todo aquele que usa essas substâncias deve se “policiar” continuamente. EAAs intensificam emoções e é através desta percepção que encontramos o verdadeiro risco comportamental para usuários: agressividade com aqueles que estão inseridos em seu círculo social, especialmente se tratando de pessoas mais próximas como familiares. Como forma de exemplificar este fenômeno, de maneira mais palpável, poderíamos dizer que potencialmente uma reclamação de um fisiculturista com sua noiva durante a utilização dessas substâncias poderia facilitar a evolução de tal para uma discussão e dessa discussão, para a agressão. E não menos relevante, é importante salientar que a utilização de um anabolizante veterinário nunca é feita de forma isolada, sempre há em paralelo outros anabolizantes e em determinados momentos, outras classes de tóxicos, tais como a cocaína. Sem sombra de dúvidas, parece ser uma arbitrariedade

culpabilizar a substância sem ao menos reconhecer toda a complexidade do contexto que envolve a utilização. Como forma de enriquecer essa discussão, pude entrevistar um atleta durante a utilização de trembolona junto com testosterona, em um contexto de “blast”. A seguinte experiência foi sintetizada abaixo:

Desde o começo eu te falei que se alguma coisa interferisse no meu trabalho eu paro, tipo não vou deixar um bagulho que é um *hobbie* interferir no meu ganha pão. O único colateral que eu vinha tendo é o suor noturno, mas eu nunca tive problema com sono. Mesmo com o suor noturno eu sempre acordo uma vez na noite para urinar então acordava essa hora para urinar e a cama totalmente ensopada, e quando estava frio e eu estava descoberto, dava calor e eu tava suando, acordava batendo os dentes, sentindo muito frio mesmo. E se põe uma camisa e tu tá melado, uma sensação horrível. Aí beleza, voltava e urinava e achava um canto na cama que não tava melado de suor evoltava a dormir de boa. Mas não acordava mais, não tinha mais o suor, nunca foi todo dia, mas foi constante. Esse era o único colateral[...] agora pro final eu comecei a sentir mais como eu vou dizer, não é impaciente, é mais chato, tipo pessoa vinha com conversinha besta e eu não dava moral. Eu comecei a ver que eu tava ficando chato, mas eu também tô que se foda, pessoa que vem falar bagulho comigo não tem porque eu gostar do que ela tá falando né? Apesar de eu sempre ter curtido falar besteira, zoar assim os “bagueio”, eu vi que isso tava mudando. Mas até aí tudo bem, não tava ligando, se sabe que minha vida é só trabalho e academia, não saio muito, não faço muito bagulho diferente. Mas aí no meio do blast, umas três semanas atrás, meu padrasto aloprou, me chamou e conversou: “vou largar aqui tudo, quero dar uma parada, tirar um pouco a pressão, já tô aposentado, só estou aqui por causa dos funcionários, amigos, família, quero que tu vá assumindo aos poucos e eu vou te ajudando”. Aí comecei assumir a posição do meu padrasto, um dos “bagueio” que eu preferi parar o blast foi como eu estou lidando mais com pessoa, eu tenho medo de explodir. Mesmo sabendo que eu não vou fazer, quando eu estava com a bold, mano que nem eu falei para você na época, eu tava no limite. Qualquer bagulhozinho eu podia explodir e eu conseguia segurar. E agora que eu tô de boa, eu sei quando eu vou estourar, mas agora como eu to lidando com pessoa o dia inteiro, eu não posso estourar mesmo, tipo uma pessoa vem e me dá um problema, eu vou estourar com ela? Eu tenho que resolver o problema dela, é meu trabalho. Foi pensando nisso que eu pensei em parar. Tava com medo de acontecer.

Cerca de duas semanas depois do primeiro relato, o atleta parou de utilizar a trembolona, segundo o próprio. No uso de anabolizantes, o sujeito sempre está em

negociação com a substância. Conforme a utilização, o efeito colateral inicial de suor noturno (muito intenso, por sinal) estava sendo parcialmente tolerado pelos possíveis efeitos benéficos que viriam a seguir¹⁴. De certo modo, o pior “medo” para o atleta era o que já estava justaposto no imaginário social da droga: a possibilidade de estourar com alguém. Em seu processo de intoxicação, existe uma singular maneira de analisar o próprio envolvimento com a substância e suas consequências para o comportamento: as relações sociais são analisadas - antes e durante - o uso. Através desse singular escrutínio, o usuário avalia se os benefícios justificam os danos. Cabe ainda apontar que, do ponto de vista etnográfico, neste acompanhamento, foi notado que o mesmo estava mais impaciente para responder indagações a respeito de suas práticas. Contudo, não o impediu de responder assiduamente perguntas, e, além disso, cumpriu sua “promessa”, ao perceber a possibilidade de danos em sua vida pessoal, de interromper a utilização da droga. Essa “promessa” é um denominador em comum na utilização de substâncias veterinárias, afinal, nenhum benefício estético se justifica se há algum prejuízo comportamental capaz de acarretar em uma situação crítica de agressividade contra um inocente. Do que adianta conseguir o corpo almejado, se no processo, o círculo intrapessoal do atleta é impactado?

Dos depoimentos também é marcante uma tentativa de minimizar os efeitos colaterais da droga em seu comportamento, ao utilizar o adjetivo “chato” ao invés de impaciente. Ao descrever “tô que se foda”, foi percebido que naquele breve momento em questão o atleta havia ficado irritado com a situação envolvida do próprio relato, apesar de contraditoriamente admitir a seguir, que seu comportamento havia mudado para pior. Vemos também, que as novas oportunidades profissionais juntamente com o “medo”, emoção que não deve ser menosprezada, influíram na sua decisão de parar com a utilização da Trembolona. Entretanto, continuou com a Testosterona e diminuiu a dosagem para cerca de 300mg semanais (dose considerada supra fisiológica, entretanto). Foi notado que o atleta voltara a ser o de “antes”. Ao ser entrevistado novamente, Omega estava novamente fazendo piadas e não se sentia em nenhum momento incomodado com questionamentos.

1.2 Undecilenato de Boldenona: o cavalo ansioso-depressivo?

¹⁴ O uso de anabolizantes promove efeitos estéticos que somente podem ser visíveis com a utilização constante após períodos de tempo específico. Geralmente, diria-se que existe uma janela de 2 a 4 semanas para o usuário perceber tais.

Esse EAA apresenta um poder anabólico inferior em relação à Trembolona, segundo informantes. Diferentemente dessa segunda, não há relatos envolvendo situações críticas nos quais indivíduos são passíveis de agressividades catastróficas. Apresenta bem menos efeitos colaterais em relação à primeira, sendo muitas vezes considerada uma droga mais “segura” para utilização. Mesmo assim, foi considerada uma EAA com alto potencial de neuroxicidade, sendo muito utilizada por homens magros, pela sua “maravilhosa” capacidade de aumentar a fome. Ela é caracterizada como uma droga que promove uma irritabilidade contínua, possivelmente ascendente, assim como ansiedade e depressão características, de acordo com o fisiculturista Alfa:

De colateral, eu falo em irritabilidade, neurotoxicidade da trembolona é bem maior, impacto no fígado é bem maior, esqueci o nome das placas, tá ligado nas conexões nos neurônios que tipo quando se rompe, vão desligando, dá Alzheimer? Trembolona ataca isso bem mais, eu acho que é isso. A qualidade do sono é bem pior, GABA[Neurotransmissor] fica bem pior. [...] pelo que eu percebo a trembo é muito mais explosão e a bold não, entendeu? A bold é um bagulho mais contínuo, você sempre vai estar um pouco mais estressado, nervoso e ansioso. Com a trembo não é constante [...] e logicamente em um nível maior, dá uns “rages” absurdos, em um sentido assim, sei lá... caiu um bagulho no chão ou você chutou um pé na cama, mano aquele pico de nervoso vai ser muito grande, muito maior, com a *bold* eu tenho isso, mas é bem menor, entende? (Relato pelo fisiculturista Alfa)

Devido a essa particularidade de a droga exacerbar emoções de maneira ascendente, é muito mais fácil o controle do usuário frente à sua intoxicação. Não há picos de nervosismo, de ansiedade ou de depressão. Em todos os depoimentos que escutei sobre essa droga, sempre foi posta em comparação com a Trembolona. Ela não teria capacidade de promover uma “explosão” no usuário, mas deixá-lo cada vez mais sem paciência em situações às quais todos nós somos passíveis de enfrentar no cotidiano, como “chutar um pé da cama”. A importância de estabelecer essa comparação é justamente demonstrar que as drogas, apesar de promoverem modos de condutas parecidos, são diferentes. Cada droga, por assim dizer, promove um modo de conduta particular. Curiosamente, o atleta cita o papel em potencial dessas substâncias como fator neurodegenerativo, com ênfase na trembolona, destacando o aumento da formação de placas β -amilóide¹⁵ presentes em

¹⁵ Em um experimento com ratos, Ma e Liu (2015) demonstram que a Trembolona está ligada ao aumento de níveis de β -amilóide em ratos machos, demonstrando efeitos neurodegenerativos.

peessoas com Alzheimer (ver, Murphy e Levine 2010). Nessa linguagem da serotonina (Azize,2008) os neurotransmissores são venerados por destrinchar a verdadeira natureza comportamental humana. E de certo modo, manipular a construção do corpo físico também é manipular o corpo cerebral. Nessa negociação sistemática, a categoria nativa de *bioindividualidade*, é por vezes ressaltada para explicar como o imaginário socialmente construído ao redor da droga¹⁶ nem sempre é validado pela empiria da experimentação pessoal da substância. Isso permite que os interlocutores elaborem suas experiências físicas-sensoriais em torno de uma individualidade biológica, que varia não somente de pessoa para pessoa, mas também, podendo fazer com que os efeitos variem de tempos em tempos (o corpo sofreria metamorfoses ao longo do processo de construção corporal). Através dessa perspectiva, sugerimos que, por mais que uma droga seja socialmente caracterizada por promover a agressividade, ou outra ligada a ansiedade ou depressão, existem distintas maneiras de ser agressivo, ansioso e deprimido. Trago como relato a experiência de Omega:

Bold essa é do demônio [risadas]. Você fica nervoso, sangue quente, sem paciência, alguém quer discutir com você e o sangue parece que [algo] esquenta e sobe para a cabeça, se não controlar sai agredindo [risadas] [...] quando iniciei o cruise, comecei dar umas descontadas de problema na minha noiva, ficava nervoso e tal. Aí pensei que isso era coisa da cabeça, conversei com ela e parei com isso! Mas acho que problema psicológico mesmo, com trem e bold ouço relatos e isso vai muito da pessoa, dela mesmo saber lidar com a situação. Posso te dizer, por exemplo, que a maioria das pessoas se dá pior com a bold, por que ela causa mais ansiedade, deixa a pessoa inquieta, deve mexer com GABA, sei lá. Eu diria que trembo é mais nervoso de momento mesmo. Mas eu me dei muito pior com bold do que com trem

[...] isso é um clichê do fisiculturismo, essa coisa de bioindividualidade. Comecei a seguir muito instagram de atleta recentemente, aí eles respondem muitas coisas naquele esquema de pergunta e resposta. Tipo eles colocam por exemplo, treino e nutrição. Deve ter umas 30 perguntas e 25 eles respondem: “ é muito individual, depende do corpo). Nossa cara, todo mundo sabe que é individual, que cada um é um, e por que esse cara coloca uma pergunta que ninguém vai responder? Por que ele não responde que: ” meu corpo funciona desse jeito ou que na maioria dos alunos eles teriam x resultado [.]” Aí ele

¹⁶ Deve ser notado que essa categoria não é mobilizada somente em relação às drogas. Na realidade, também é muito utilizada para explicar o funcionamento de determinada dieta ou também de técnicas corporais na academia. Mas é mais enfaticamente utilizada para explicar experiências com drogas.

responde então: “[...]que isso vai variar em relação ao seu perfil, preciso saber sua nutrição, treinamento, hormônios, etc. Se quiser coisa detalhada fecha consultoria”. Eu acho esse o pior clichê do fisiculturismo, é óbvio que tudo depende da individualidade biológica de cada um, mas isso não é um segredo, manja? Para falar eu tenho um ódio disso aí. E nessa individualidade biológica é lógico que ela também é de certo modo fabricada, até por que você tá colocando várias variáveis no organismo para se tornar outra coisa. Vou te dar um exemplo, já ouviu falar de biótipos corporais? Eu sempre fui mais aproximado de um endomorfo, agora depois de muito tempo de treinamento estou mais próximo de um mesomorfo. Lógico que não muda a genética 100%, mas obviamente você vai aprimorando seu metabolismo (Relatos pelo fisiculturista Omega)

Conforme as explicações do interlocutor, sua experiência com boldenona foi pior do que com trembolona. Se o imaginário sugere que a trembolona é uma droga mais agressiva ou perigosa, sua experiência pessoal sugere o inverso. Isso definitivamente não invalida a experiência pessoal. No mais, é perceptível que a categoria de *bioindividualidade* é sempre mobilizada para explicar as mudanças corporais/comportamentais conforme o aprofundamento no estilo de vida. Por exemplo, Omega inicialmente apresentava um biótipo inicial de um endomorfo (físico estético redondo, ganham músculos com facilidade) e agora está mais perto de um mesomorfo (formato retangular, ganha músculo com facilidade e perde gordura com facilidade). Conforme a introdução de variáveis tais como um tipo específico de treino, drogas, alterações no descanso, etc., é possível você mudar essa predisposição biológica para determinado formato corporal. O corpo sempre é maleável para essas pessoas. No caso do uso de tóxicos, ao qual recai nossa ênfase, sempre se considera a categoria supracitada na escolha de decidir utilizar uma droga, tanto para os benefícios quanto para os malefícios. De modo a ilustrar, se uma pessoa acima do peso utiliza trembolona, ela pode modificar seu corpo para um físico mais esguio e musculoso (isso seria uma experiência positiva neste caso). Em outro caso, se você é uma pessoa que “naturalmente” tem predisposição à ansiedade, evitar-se-ia drogas como a Boldenona. E se você apresenta uma impulsividade e momentos de “explosão”, você nuncadeveria consumir Trembolona). Assim, mudar de corpo caminha de modo paralelo a mudar de pessoa. Outro fisiculturista também explicou sua experiência com a boldenona:

Falando dos meus colaterais com a bold. Fome e essa irritabilidade, mas agora deu uma normalizada. Mas, tipo, pra minha mina eu falo: se eu estiver muito

chato ou algo assim me fala. E ela mesmo disse que eu melhorei, que estou me controlando mais. Eu procuro ficar quieto quando tá atacado tem dia que eu não aguento nada, aí fico quieto. De vez em quando também me dá ansiedade, mas é pouco. Vou respirando e acaba, entende? De maneira geral a bold afetou assim, minha relação com minha família, com a minha mãe principalmente. Se sabe que sempre tivemos essas coisas, mas deu uma piorada. Mas no geral eu fico sem paciência, aí acabo brigando com mais facilidade. (Relato pelo fisiculturista Alfa)

Deste relato chama-se a atenção novamente para a utilização do adjetivo “chato” para descrever essa irritabilidade característica da droga que é repetidamente caracterizada de maneira singular. Não menos importante, o efeito colateral da utilização não é vivido somente pelo atleta, mas pelos que estão ao seu redor. Muitas vezes, família, namorados e amigos podem ser afetados pelas condutas promovidas pelas “masculinidades intoxicadas”, no qual se verificam momentos de descontrole psicológico. Nesse período de tempo, foi verificado que o atleta Omega estava muito mais “irritado” com a utilização de Boldenona do que com sua experiência com Trembolona, por exemplo. Na condução das entrevistas, foi notado que em determinados momentos o atleta simplesmente deixava de responder alguma indagação, desviando para outro tópico e demonstrando um incômodo aparente. Apesar disso, em nenhum momento foi considerada pelo entrevistador a possibilidade de algum xingamento ou agressão por parte do atleta. Ressalta-se também, que o próprio avisou da possibilidade de “ficar mais chato” e caso estivesse, era somente falar com ele, para o mesmo “perceber melhor suas atitudes”.

De tal modo, pode-se dizer que a atitude do atleta Alfa também seguiu um caminho parecido. Ele também estava mais impaciente, mas não necessariamente no nível verificado pelo atleta Omega. É pertinente dizer que a “dose” semanal de EAAs do atleta Alfa era duas vezes menor do que a do Omega, o que também pode fornecer alguma pista para sua impaciência. A utilização do adjetivo “chato” para se autodescrever, pode também ser uma forma de minimizar a sua irritabilidade e ao mesmo tempo de demonstrar que existe um controle de si mesmo. Afinal, reconhecer que está irritável por causa da utilização da droga significa também considerar que a mesma está impactando o modo de conduta individual, e isso não pode ser somente interpretado como um efeito bioquímico, mas uma derrota moral frente à intoxicação. É possível estabelecer um paralelo ao estudo de Velho (1998:79) visto que certos abusos na quantidade e a utilização de tóxicos

considerados mais perigosos podem desequilibrar o ideal de uma vida em termos de consumo, símbolos de prestígio, status, etc. Para fisiculturistas, drogas veterinárias ganham o status de perigo e sua utilização pode afetar justamente esses tipos ideários de vida. Assim, relembramos a frase de um interlocutor: “[...] tipo não vou deixar um bagulho que é um *hobbie* interferir no meu ganha pão”. Deixar o estilo de vida, ou *hobbie*, atrapalhar outros aspectos da vida pessoal, tal como relacionamentos ou trabalho, significa perder a guerra corporal interior, na medida em que não é mais a pessoa que controla o tóxico, e sim este que controla a pessoa. E, ademais, o imaginário social ao qual a droga é entrelaçada permite ao usuário navegar melhor em sua experiência, evitando-se excessos que podem ser materializados em suas relações interpessoais.

3.0 Toxicidades transmissíveis.

Ford (2019b) indica como o discurso científico e popular enquadra cada vez mais os ambientes modernos, de modo a desestruturar as ecologias afetivas, microbianas e químicas, afetando a reprodução. Na maternidade é sugerido que um corpo se toma múltiplo. Em seu trabalho de campo sobre a cultura da gravidez/nascimento, na Califórnia, conheceu uma mulher que sugeriu algumas colocações interessantes:

“They found out, or they thought, I’m not sure what the research is, but the mom’s stress level determines what kind of egg she releases. If she’s stressed, she produces a being with more emphasis on the midbrain, where the fight or flight instinct comes from, instead of the front brain, where thought and empathy happen. So [a child’s temperament] can start in the mom’s health, even before conception.”¹⁷

A evidência etnográfica da autora sugere que a pesquisa científica muitas vezes enquadra as mulheres grávidas como “ambientes” que podem afetar o desenvolvimento fetal. Essa observação desloca sua própria experiência e personalidade, ao mesmo tempo em que estimula discursos de risco pelos quais as mulheres são responsáveis pela gravidez, mesmo antes da concepção. São corpos deslocados temporalmente, em que as responsabilidades excedem o escopo das vidas individuais - acumulando ou persistindo ao longo do tempo (Ford, 2019b; Valdez 2017; Murphy, 2011). Nesse sentido, poder-se-

¹⁷ 23 Ensaio disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/triple-toxicity>. Acesso em 15/09/2022.

ia acrescentar que não apenas as mulheres estão sendo afetadas pelo discurso científico, como também os homens. Vejamos um exemplo:

[...] Então, eu não lembro muito disso, do estudo. Só sei da probabilidade, que não é do esperma “mulher”, tem um outro nome. Mas eu não lembro, foi até o Zeta [treinador] que falou, que homens que são usuários de hormônios têm probabilidade maior do bebê vir mulher, entendeu? Foi um estudo que fizeram disso, a maioria dos usuários de homens que tiveram filhos nasceram mulher. Eles procuraram o porquê, e tinha algo explicando, mas eu nem li a fundo nem nada. (Relato pelo fisiculturista Omega)

Apesar de o mesmo não saber o tipo de estudo e, necessariamente, não ser possível enquadrar-se de certo modo, era algum tipo de arguição epigenética. Entretanto, as consequências já começam a ser interpretadas de modo geracional. A grande questão que perdura é: até que ponto o imaginário dessas pessoas está sendo afetada pelo discurso científico, enquadrando os homens também como pessoas que geram, e que por tal são passíveis de responsabilização. As escolhas promovidas por um estilo de vida são vistas por um âmbito negativo, e isso acaba por acarretar em um tipo específico de medo:

Sobre o medo que eu tenho, tem um atleta que eu sigo e ele é de São Paulo. Ele tem um filho de dois anos ou um ano e meio com síndrome de down, tipo porra, ele disse isso comigo, que um conhecido dele, que eu não sei se foi da família ou amigo que quis dizer para ele. Não lembro também se falou diretamente para ele ou ficou sabendo indiretamente, manja? Só sei que esse conhecido ou sei lá perguntou se o filho dele nasceu daquele jeito por causa dos hormônios. Aí, ele ficou maior chateado, ele chegou pensar nisso também quando descobriu que o filho tinha o problema. Ele foi no médico, mas ele falou que não tinha nada a ver, não era por causa dos hormônios. Mas do mesmo jeito, se eu tivesse um filho e ele nascesse com algum problema, eu acho que provavelmente eu ficaria me culpando também. (Relato pelo fisiculturista Omega.)

O que é interessante nesse relato, é o fato de que mesmo o médico negando a possibilidade da correlação entre a Síndrome de Down e o consumo de EAAs, o medo permanece. O medo não está somente ligado à síndrome em específico, mas às consequências na transmissão geracional da utilização de EAAs, muito possivelmente ligadas à popularização do discurso científico epigenético. Outros que corroboram essa lógica também podem ser lidos abaixo:

Posso falar o que eu acho, em teoria né, que você ser exposto a esteroides altera o equilíbrio hormonal, na realidade isso é certo. Agora, isso pode de algum modo alterar como os genes se expressam, só que obviamente não tenho certeza. Não sei se nem tem estudo sobre isso, manja? Já ouvi falar, mas não sei se nosso hobbie poderia afetar isso daí. Acho que anabol em geral pode ser um mecanismo para contribuir nessa alteração. (Relato pelo fisiculturista Delta)

Eu acredito que tudo pode alterar a genética e eu interpreto o prefixo “epi” em epigenética assim. Esse “epi” significa sobre, acima da genética, pensa comigo, se até estresse e dieta afetam nossa expressão gênica, por que não considerar as drogas e o estilo de vida? Eu diria que estamos cada vez mais percebendo que nossas escolhas de vida impactam não somente nossa individualidade, mas nossos futuros filhos e netos. A grande questão é que nós não devemos saber em muitas décadas é o verdadeiro impacto, mensurável, de nossas escolhas. Simples assim. (Relato pelo Fisiculturista, médico e Treinador Zeta)

Alterações físicas causadas por esportes, por exemplo, o aumento de fibras musculares por treinamento ou “abuso” de drogas, **podem** induzir um perfil epigenético alterado levando a uma expressão gênica alterada, sugere Schwarzenbach (2011). A vida de um fisiculturista problematiza o corpo a cada momento pela implosão da ideia de indivíduo moderno, dado que o corpo não existe per se, mas apenas em sua relação. Para Maluf (2003) se a contemporaneidade e suas experiências estão voltadas para a fabricação de corpos que, investidos de agência e subjetividade, fabricam cultura; também são uma experiência de fabricar pessoas e sujeitos. Por este ângulo, o diferencial da experiência aqui relatada é que o potencial transformativo também é preconizado de maneira geracional. O corpo não é somente imaginado por uma agência que vislumbra o potencial de transformação próprio, mas de maneira supra individual, ao qual salienta-se um sentido de não só um modelo de corpo e de pessoa sócio-culturalmente construída (e individualmente experimentada), mas em relação a este corpo e outros ainda não existentes. Em outras palavras, o corpo epigeneticamente imaginado está, em relação outros, não só somente em um sentido social, mas em uma dimensão de temporalidade corporal. Ademais, salientamos que a experiência de uso de tóxicos foi sociologicamente constituída por uma dialética entre o estado subjetivo do indivíduo e os efeitos psicotrópicos objetivos da droga (Young, 1971 apud Velho 1998:78-79) mas não podemos mais desconsiderar que as consequências de um ato já são imaginadas em não

só um corpo. De forma complementar, se as contribuições paternas à herança epigenética ainda não são bem compreendidas, já é documentada a transmissão da *memória epigenética* por espermatozoides (Tabuchi ET AL, 2018). Queremos sugerir o seguinte, se por outrora consideramos o conceito de memória como algo estritamente fruto da experiência subjetiva, ou trabalhado em termos antropológicos em prol de uma dimensão de memória coletiva no âmbito das tradicionais orais, com o fenômeno epigenético temos a combinação de duas tradições epistemológicas (de maneira bastante singular): a pessoa como indivíduo e a pessoa como coletividade. Se por um lado, a intoxicação é subjetivamente sentida, por outro, é geracionalmente experimentada. O corpo como elo intermediário entre ambos, é dotado de um singular poder de agência, afinal quando transforma a si próprio, também impacta o outro, por mais distante ou não que este esteja.

Considerações Finais.

Esperamos ter contribuído para percepção de que o uso de andrógenos (e aqui não só veterinários) é uma experiência múltipla, seja nos corpos em que ela atravessa e impacta, seja nas relações sociais mais ou menos afetadas. Fomos convidados a refletir, através do ponto de vista dos sujeitos, o papel do que compreendemos como natureza humana, via alterações neuroendócrinas. Assim, indagamos, estaria esta “natureza” nos hormônios e suas respectivas alterações bioquímicas? O consumo dessas substâncias, por conseguinte, atravessaria uma tensão fundamental na antropologia, entre natureza e criação. Para este seletivo grupo existiria uma natureza comportamental compartilhada entre humanos e animais, plasmada nessas moléculas, que regularia tanto a fisiologia quanto o comportamento. Através deste ponto de vista, com a ingestão de determinadas substâncias cujos fins são o uso veterinário, seria possível herdar ou adquirir ao menos temporariamente as características de um animal, singularmente o cavalo. O maior risco que segue neste consumo, nessa comunhão bioquímica humano-veterinária, é ultrapassar a fronteira humano-animal, se tornando prioritariamente um animal-humano. Sendo o desafio que se segue na visão nativa, é evitar uma certa inversão de papéis nessas relações humano-animais, perdendo o controle da própria humanidade. Mesmo assim, sabe-se que mudar o corpo também é mudar a pessoa, dimensões que não podem ser dissociadas uma à outra: é preciso que o usuário negocie com a dimensão “mágica” da substância e para isso, temos uma farmacocinética social: não devemos nunca “abusar” do poder mágico-transformativo desses produtos. Assim, o cavalo é

referência, pois de certa forma, longe somente um ideal corporal a ser conquistado, também é de masculinidade: dominante, forte, livre imbatível e não menos importante, musculoso. No processo de metamorfose, a bioquímica é incerta, dado que certas características nem sempre condizem com este ideal, como ansiedade e depressão, reflexos que não somente são um produto farmacológico, mas de um meio, que imbuí uma necessidade de se construir por vias não ortodoxas. Reverberamos através de nosso escrutínio que este tipo particular de pessoa e masculinidade também não pode ser positivada por este grupo social, por mais que haja um incentivo para tal.

Poderíamos deduzir que o processo de se tornar o cavalo pode ser ambigualmente descrito por um controle racional frente ao corpo hormonal, que não quer dizer que não exista a possibilidade de descontrole hormonal, sempre presente no imaginário dos atletas de fisiculturismo. No mais, as categorizações socialmente construídas, nem sempre condizem com a empiria da utilização de EAAs, demonstrando uma complexidade do fenômeno em questão. Adicionalmente, o enquadramento analítico-teórico possibilitou analisar que a popularização do conhecimento científico (principalmente em epigenética) em saúde impacta diretamente o consumo de IPEDs. As consequências de saúde e doença que outrora eram percebidas somente no cotidiano de experimentação farmacológica de atletas, agora podem ser imaginadas geracionalmente. Isso possibilita a construção social de um medo, devido ao seu estilo de vida (considerando não somente medicamentos, como também hábitos alimentares e aspectos ambientais, como a contaminação por xenoestrogênios). Por fim, essa construção social acaba por induzir naqueles que aceitam o discurso, uma modificação da noção de risco que é sempre presente em maior ou menor grau, em corpos e masculinidades marcadas pela toxicidade.

Bibliografia.

Azize, Rogerio Lopez. **A química da qualidade de vida: um olhar antropológico sobre o uso de medicamentos e saúde em classes médias urbanas brasileiras.** Programa de pós graduação em antropologia social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002A .

_____. **Uma neuro-weltanschauung? Fisicalismo e subjetividade na divulgação de doenças e medicamentos do cérebro.** *Mana* [online]. vol.14, n.1 pp. 7-30. 2008B

BÄRNREUTHER, Sandra. 2018. "**Hormones.**" Correspondences, Fieldsights, August 3. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/series/hormones> . 2018.

CONNELL, R. *Masculinities*. Cambridge: Polity. 1995.

FORD, Andrea. "**Introduction: Embodied Ecologies.**" Theorizing the Contemporary, Fieldsights, April 25. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/introduction-embodied-ecologies> 2019a.

_____. "**Triple Toxicity.**" Theorizing the Contemporary, Fieldsights, April 25. Disponível em: <https://culanth.org/fieldsights/triple-toxicity>. 2019b.

HARAWAY, Donna. *Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan@_Meets_Onco Mouse™: Feminism and Technoscience*. New York: Routledge. 1997a

_____. *Antropologia do Ciborgue, As vertigens do pós humano/* Organização e tradução. Tomaz Tadeu – 2 . ed – Belo horizonte : Autêntica Editora. 2009b

HARTGENS, F. e KUIPERS, H. **Effects of androgenic-anabolic steroids in athletes.** Sports Medicine, 34, 513–554. 2004.

HOLLAN, D., 1997, “**The Relevance of Person-centered Ethnography to Cross-cultural Psychiatry**”, *Transcultural Psychiatry*, 34 (2): 219-234.

KEANE, H. **Diagnosing the male steroid user: drug use, body image and disordered masculinity.** Health: An Interdisciplinary Journal for the Social Study of Health, Illness and Medicine 9(2): 189 – 208. 2005.

KLEIN, A. **Little Big Men: Bodybuilding Subculture and Gender Construction.** Albany, NY: State University of New York Press. 1993.

LANDECKER H e PANOFESKY A. **From social structure to gene regulation, and back: A critical introduction to environmental epigenetics for sociology.** Annual Review of Sociology. July:333–357. 2013.

LAMOREAUXL, J. **What if the Environment is a Person? Lineages of Epigenetic Science in Toxic China.** Cultural Anthropology. 31(2):188–214. 2016.

LAVEAGA, Gabriela Soto. **Uncommon trajectories: steroid hormones, Mexican peasants, and the search for a wild yam.** Studies In History And Philosophy Of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences, [s.l.], v. 36, n. 4, p.743-760, dez. 2005.

LEITE, Michel Lopes; COSTA, Fabricio F. **Epigenomics, epigenetics, and cancer.** Rev Pan-Amaz Saude, Ananindeua , v. 8, n. 4, p. 23-25. 2017.

LOCK, Margaret. **The Epigenome and Nature/Nurture Reunification: A Challenge for Anthropology**. Medical Anthropology, [s.l.], v. 32, n. 4, p.291-308. Informa UK Limited.2013A

_____ **Comprehending the Body in the Era of the Epigenome**. Current Anthropology, Vol. 56, No. 2 . pp. 151-177. 2015B

_____ **Centering Milieux**. Theorizing the Contemporary, Fieldsights, April 25. <https://culanth.org/fieldsights/centering-milieux> . 2019C

MA, Fucui; LIU, Daicheng. **17 β -trenbolone, an anabolic–androgenic steroid as well as an environmental hormone, contributes to neurodegeneration**. Toxicology And Applied Pharmacology, [s.l.], v. 282, n. 1, p.68-76. 2015.

MALUF, Sônia Weidner. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. Revista Esboços, UFSC, 2002.

MONAGHAN, Lee. **Bodybuilding, drugs and Risk**. London: Routledge. 2001A.

_____ **The normalization of steroid use: Commentary on Kanayama et al**. **Addiction** 104: 1979–80. 2009B.

Monaghan e Atkinson. **Challenging myths of masculinity: Understanding physical cultures**. Farnham: Ashgate. 2014.

MORAES, Danielle ET AL. **A incrível fábrica de hormônios, receitas e moralização: notas sobre os esteroides anabolizantes androgênicos**. Em: Antropologia da Saúde: Ensaios em Políticas da Vida e Cidadania / Organizado por Ednalva Maciel Neves, Marcia Reis Longhi & Mônica Franch; Prefácio: Maria Cecília de Souza Minayo. –1 ed – Brasília: ABA Publicações; João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2018.

MURPHY, Michelle. **Chemical Regimes of Living**. Environmental History 13, no. 4: 695–703.2008A.

_____ **Distributed Reproduction**. In: Casper M.J., Currah P. (eds) Corpus. Palgrave Macmillan, New York. 2011B.

_____ **“Alterlife and Decolonial Chemical Relations.”** Cultural Anthropology 32, no. 4: 494–503. 2017C

MURPHY, Paul e LEVINE, Harry. **Alzheimer's Disease and the Amyloid- β Peptide**. Journal of Alzheimer's disease, [s.l.], v. 19, n. 1, p.311-323. 2010.

POLLOCK, Anne. **“Queering Endocrine Disruption.”** In Object-Oriented Feminism, edited by Katherine Behar, 183–99. Minneapolis: University of Minnesota PRESS. 2016.

POMARA,C ET AL . **Neurotoxicity by synthetic androgen steroids: oxidative stress, apoptosis, and neuropathology:**A review. *Curr Neuropharmacol.* 13(1):132–145.2015.

POPE, H. G. Jr.; KATZ, D. L. **Homicide and near-homicide by anabolic steroid users.** *Journal of Clinical Psychiatry*, v. 51, n. 1, p. 28-31, 1990.

SAGOE, Dominic ET AL. ‘**The global epidemiology of anabolic–androgenic steroid use: A meta-analysis and meta-regression analysis.**’ *Annals of Epidemiology*, 24, 383–398. 2014.

_____ **“Polypharmacy among anabolic-androgenic steroid users: a descriptive metasynthesis.”** *Substance abuse treatment, prevention, and policy* vol. 10 12.15.2015.

SCHWARZENBACH, Heidi. **Impact of Physical Activity and Doping on Epigenetic Gene Regulation.** *Drug Testing And Analysis*, [s.l.], v. 3, n. 10, p.682-687, 14 . 2011.

SHAPIRO, Nicholas, and Eben Kirksey. “**Chemo-Ethnography: An Introduction.**” *Cultural Anthropology* 32, no. 4: 481– 93. 2017.

SILVA, Gláucia; DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Epigênese e epigenética: as muitas vidas do vitalismo ocidental.** *Horiz. antropol.*, Porto Alegre , v. 22, n. 46, p. 425-453, Dec. 2016

TABUCHI, Tomoko M. ET AL. **Caenorhabditis elegans sperm carry a histone-based epigenetic memory of both spermatogenesis and oogenesis.** *Nature Communications*, [s.l.], v. 9, n. 1, 17 out. 2018. Springer Nature.

UNDERWOOD, Mair. **Exploring the social lives of image and performance enhancing drugs: An online ethnography of the Zyzz fandom of recreational bodybuilders,** *Int. J. Drug Policy*, 39: 78–85. 2017.

VALDEZ, Natali. **The Redistribution of Reproductive Responsibility: On the Epigenetics of “Environment” in Prenatal Interventions.** *Medical Anthropology Quarterly*, [s.l.], v. 32, n. 3, p.425-442, 1 fev. 2018.

VELHO, Gilberto. **Nobres e Anjos. Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora. 1998.

VINITO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto.** *Temática.* 22(44).2014.

WHYTE, Susan ET AL. **Social Lives of Medicines,** Cambridge, UK, Cambridge University Press. 2003,